



O CEARÁ SEM ÁGUA

Ao fim do ano de 2016, o Ceará está em vias de um colapso hídrico completo. Nada menos do que 70% dos municípios do estado decretaram situação de emergência. Em vários locais, a população só tem acesso à água uma ou duas vezes por semana, ou sequer isso. O volume total do sistema de reservatórios é de apenas 7%, e 54% dos açudes monitorados estão abaixo de 5%. O próximo a entrar nesta

lista é o Castanhão, o maior de todos, que está com 5,16% de sua capacidade (em dezembro de 2016). Os aquíferos, do mesmo modo que os açudes, também estão perdendo água.

A crise hídrica é um fato. Os prejuízos sociais e econômicos multiplicam-se. A agricultura familiar e a segurança alimentar ficam inviabilizadas. Os animais morrem de sede. Os riscos de queima-

das aumentam. Há restrições ao abastecimento de água em muitas comunidades do interior. A má qualidade da água facilita a proliferação de doenças, especialmente em crianças e idosos. Tarifas extras são cobradas da população como se a culpa fosse do uso individual. Agora, até mesmo a capital do estado está ameaçada de racionamento. Esse cenário é produto de várias e relacionadas situações.



O QUE NOS TROUXE ATÉ AQUI

Onde nossos pés pisam nos territórios de nosso Ceará, sentimos e vivemos a agrura de um Ceará sem água, que vive a pior seca desde 2010. As roças perecem. Os animais de criação definham. As cidades vivem racionamento que variam de 1 até 15 dias sem água.

É necessário denunciar e sensibilizar a todos e todas que não é justo que toda a água que ainda existe no Ceará esteja sendo transferida para a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), prioritariamente ao Complexo

Industrial e Portuário do Pecém (CIPP) e aos empreendimentos que o compõem que são extremamente intensivos no consumo d'água.

O atual governo prioriza o atendimento do consumo de água de uma siderúrgica, três termelétricas, e ainda se orgulha de atrair mais um sedento consumidor de água: a refinaria. E mais grave ainda é que o governo apresente como saída para a crise o racionamento de água na capital e no interior, ou mesmo a conclusão da obra da transposi-

ção. Além disso, é oferecida água em larga escala para a irrigação, para a criação de camarão com água doce e para a indústria.

Neste momento estão reunidas as condições para se registrar nova catástrofe humanitária e ambiental, isso só não ocorreu plenamente e com maior gravidade, pelas políticas de convivência com o semiárido, demonstrando a vitalidade da sociedade civil na eficácia do desenho de algumas políticas e que agora estão sendo desmontadas pelo governo golpista de Michel Temer.

Mudanças Climáticas e Degradação Ambiental

Já estamos sofrendo os efeitos das mudanças climáticas, que são fruto do aumento da concentração de CO₂ e de outros gases de efeito estufa na atmosfera. Pelo terceiro ano seguido (2014 a 2016), a temperatura do planeta bateu recorde e não é à toa que estamos no quinto ano seguido de seca. E quanto mais quente, mais rápido a água evapora e mais seca tende a ficar a nossa região semiárida. No Ceará, como em várias outras localidades do mundo, os efeitos negativos das mudanças climáticas são amplificados por fatores locais.

É o que acontece com a degradação do ambiente associada à poluição (esgotos, efluentes industriais, agrotóxicos, tratamento indevido dos resíduos sólidos, etc) levando à contaminação e à eutrofização das águas. Com o desmatamento e as queimadas, os rios ficam desprotegidos. Algumas de suas nascentes chegam a desaparecer e o efeito protetor da mata ciliar se perde, fazendo com que muito material seja transportado para dentro do rio, acumulando-se no seu leito, produzindo aquilo que se conhece por assoreamento.

Além disso, não basta termos água em quantidade. É preciso olhar para a sua qualidade, já que ela precisa estar adequada ao consumo humano e animal. Portanto, é preciso falar da contaminação dos rios e reservatórios, por lixões, efluentes domésticos e industriais. Atente-se para o fato de que é exatamente quando a quantidade de água diminui que a poluição fica mais concentrada e, por consequência, a qualidade da água piora. Hoje em dia, muitas comunidades estão afetadas, chegando-se ao ponto de termos água de má qualidade sendo distribuída em caminhões-pipa.

GESTÃO DAS ÁGUAS E INJUSTIÇA HÍDRICA

O iminente colapso é fruto principalmente das irresponsáveis e desastrosas opções de desenvolvimento do atual Governo Camilo Santana (2015-2018) e seus antecessores. Camilo dá seguimento às ações e empreitadas de Cid Gomes, tais como a implantação de usinas termelétricas – que juntas consomem 90 milhões de litros de água por dia (água suficiente para 700 mil pessoas). Chegou ao cúmulo de autorizar o acionamento de uma siderúrgica implantada no quarto ano consecutivo de seca, consumindo 50 milhões de litros de água por dia (com projeções de alcançar o dobro desse consumo). Como se não fosse o bastante, ao fim de 2016, assina um protocolo para a vinda de uma refinaria, capaz de consumir outros 48 milhões de litros por dia.

Importante dizer que uma única termelétrica é também responsável por emitir para a atmosfera, a cada ano, mais de 5 milhões de toneladas de CO₂ (dióxido de carbono). Isso representa uma emissão superior à de toda a frota automobilística (motos, carros, ônibus e caminhões) do Estado! Destaque-se que as termelétricas não são apenas a forma mais suja, mas são também a forma mais cara de produzir energia. Quando estas são acionadas – quando da baixa capacidade de geração de energia pelas hidrelétricas, devido ao baixo nível dos reservatórios – a conta de luz refletirá o ingresso nas bandeiras tarifárias amarelas e vermelhas determinando aumento nos custos no quilowatt/hora consumido por toda a população. Basta olhar a sua conta de luz!

A siderúrgica deve emitir outros 3 milhões de toneladas e o combustível produzido na refinaria, após queimado, deve virar in-

críveis 35 milhões de toneladas de CO₂. Tudo isso agrava em muito o aquecimento global, que deixou de ser tema de um futuro distante, estando no nosso presente pelas iniciativas ultrapassadas dos governos locais. Em outras palavras, é como se a nossa água fosse roubada duas vezes: quando essas empresas a consomem diretamente e quando o aquecimento do planeta faz com que ela evapore mais depressa.

O iminente colapso é fruto principalmente das irresponsáveis e desastrosas opções de desenvolvimento do governador atual Camilo Santana e seus antecessores. Camilo dá seguimento às ações e empreitadas de Cid Gomes, tais como a implantação de usinas termelétricas que juntas consomem 90 milhões de litros de água por dia (água suficiente para 700 mil pessoas).

Isso demonstra que a política de gestão das águas do Ceará é conservadora e, em grande medida, é influenciada pela política hidráulica que se reproduz a partir do governo federal que tem como principal interesse o desenvolvimento de projetos de obras hídricas tradicionais, tais como a construção de grandes açudes e canais. Embora seja passível de reconhecimento do papel das políticas de emergência, estas são fortemente centradas na atendimento superficial das demandas e pouco orien-

tadas para a adaptação futura.

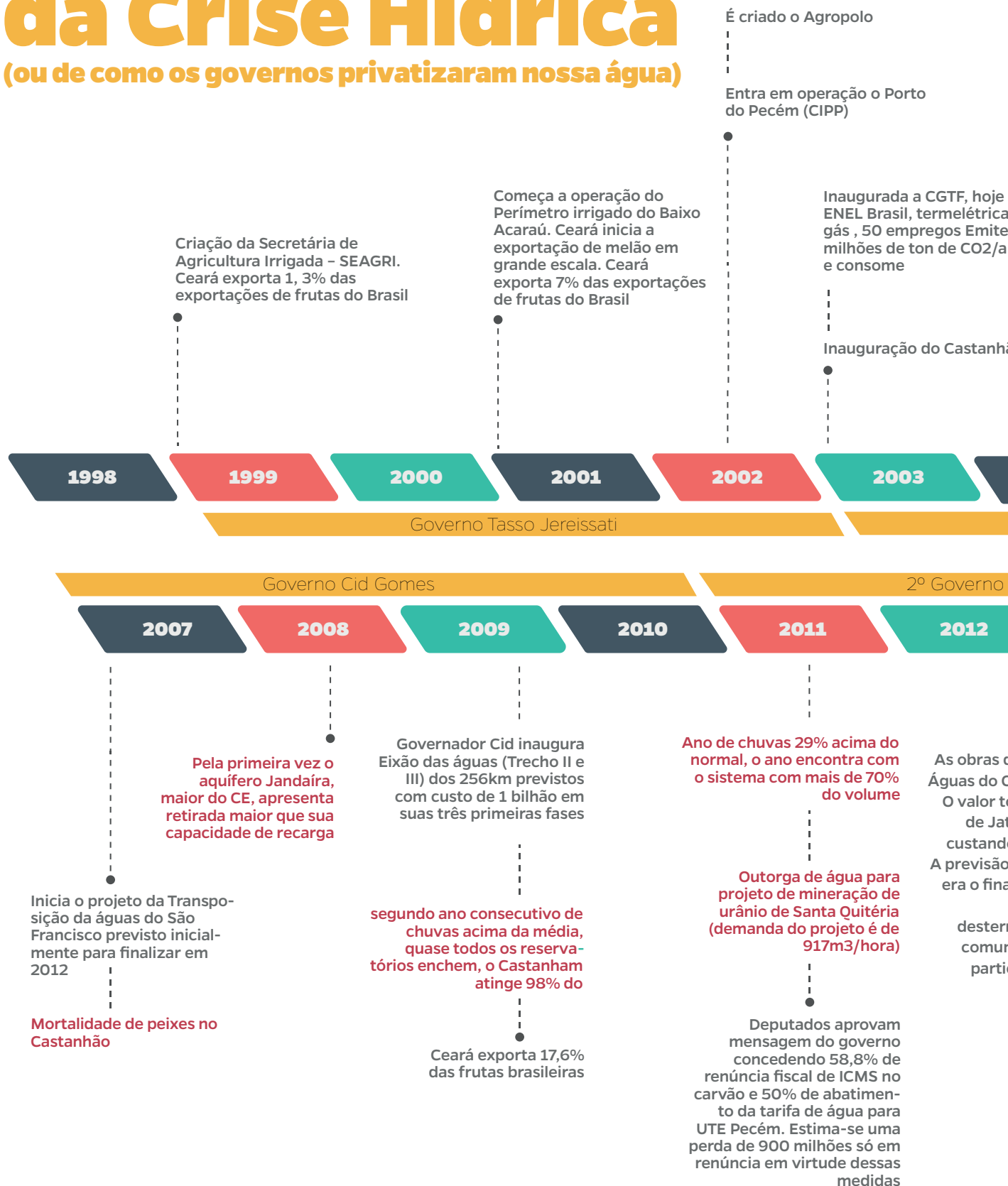
Podemos destacar outros exemplos danosos da gestão descabida das águas do Ceará. Primeiro, o impulso à fruticultura irrigada no Jaguaribe. O percentual destinado à irrigação no Estado é de 62,1% do total da água (segundo dados da Agência Nacional das Águas, 2012). Outro caso insustentável é o projeto de exploração de urânio em Itaitia, município de Santa Quitéria, cujo consumo de água está previsto para ser de 917 mil litros por hora, o equivalente a 115 carros pipa.

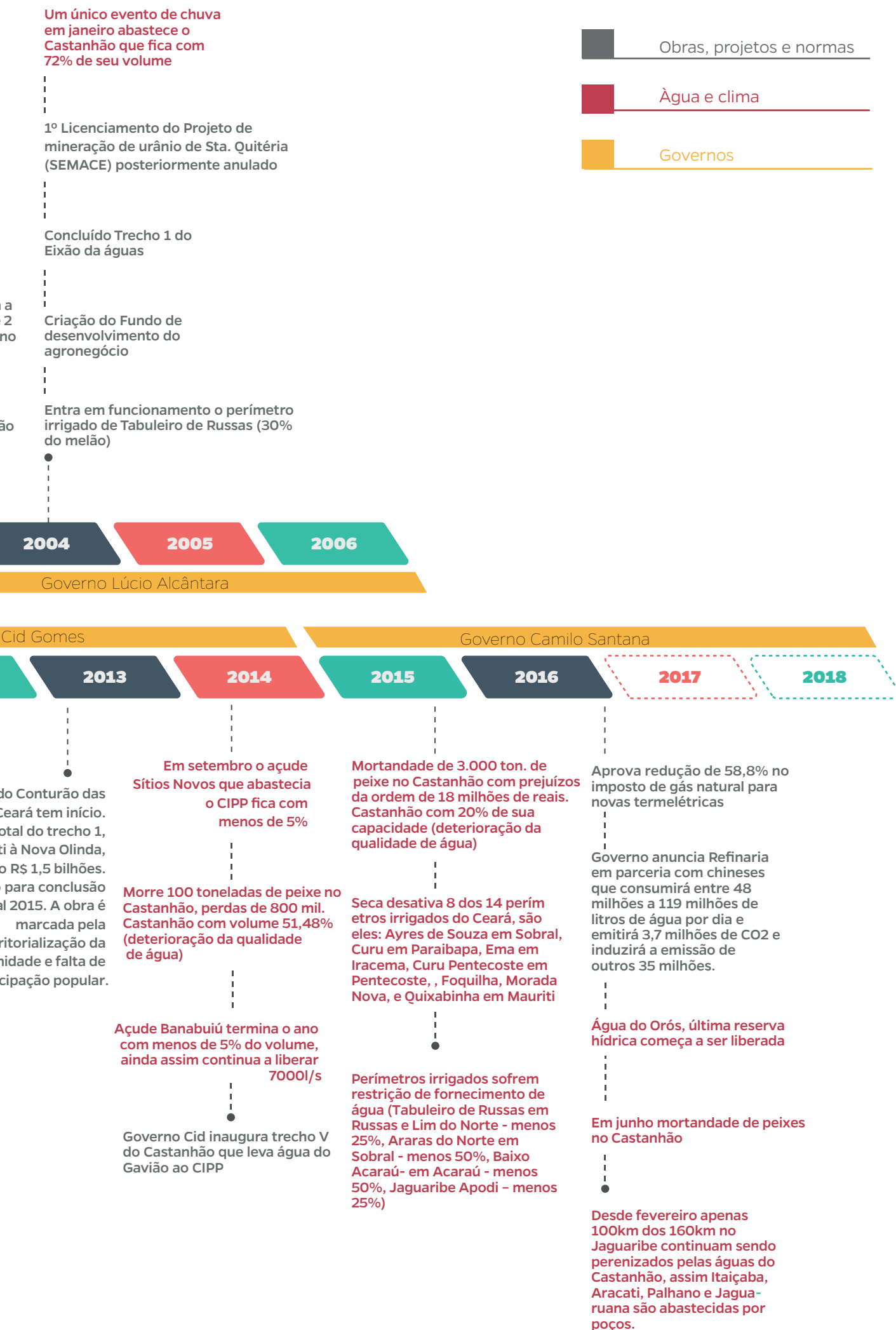
O governo Camilo Santana, através de sua política de falso desenvolvimento, nega um princípio fundamental da Lei Nacional de Recursos Hídricos, que é a de prioridade ao consumo humano e à dessedentação animal, em casos de escassez. Ao privilegiar esse caminho, o governo apresenta-se como o maior promotor de injustiça hídrica do Estado do Ceará. Promove a distribuição desigual da água, destinando-a aos grupos de interesse do capital (indústria e agronegócio), enquanto nega água a extensos grupos humanos e suas atividades agrícolas, sobretudo a agricultura familiar e a pequena criação de animais, afetando a segurança alimentar e hídrica de contingentes populacionais significativos.

A gestão falseia o diagnóstico sobre a acentuada escassez que vivemos, apontando o consumo humano como o responsável, quando não é. Embora a população de Fortaleza possa e deva contribuir para este delicado momento através do racionamento, o que gerou esta injusta situação para além da seca foi a inadequada política de desenvolvimento e a injusta gestão dos recursos hídricos no Ceará.

Linha do Tempo da Crise Hídrica

(ou de como os governos privatizaram nossa água)





Polo Baixo Acaraú

Polo Metropolitano

Complexo Industrial e Portuário de

Polo Ibiapaba

Castanhão

Polo Centro-Sul

Polo Cariri



Quem está levando nossa água?

Industrial e o Pecém

- 1.** Conflito entre consumo de água pelo CIPP e usuários de água para abastecimento humano;
- 2.** Conflito entre consumo de água superficial e subterrânea pelo agro-negócio e carcinicultura e o abastecimento humano e a pequena agricultura;
- 3.** Conflito entre destinação de água para Fortaleza em detrimento da água para consumo humano e atividades econômicas no interior;
- 4.** Conflito representado pelas obras do Cinturão das águas e a desterritorialização de comunidades e destruição de fontes de água no Cariri;
- 5.** Conflito entre gestão das água pela Cogerh que priorizou os perímetros irrigados em detrimento do consumo humano e outros usos pelos moradores da bacia;
- 6.** Conflito entre consumo de água outorgado para projeto de mineração de urânio em Santa Quitéria e consumo humano de água para comunidades locais;
- 7.** Conflito entre consumo de água para o agronegócio e consumo humano de água para cidades e comunidades locais e água para agricultura familiar



Polos agrícolas



Complexo Industrial e Portuário do Pecém - Cipp



Criação de camarão em água doce



Conflitos por água

O que nos MOVE EM LUTA

É necessário relançar o oportuno debate sobre a temática da seca, da gestão das águas e sua relação com as políticas de desenvolvimento e enfrentamento das mudanças climáticas.

A gestão das águas necessita de uma abordagem com visão humanística que

assegure o uso prioritário do consumo humano frente aos usos hidroagrícolas e industriais. Deve ir além de um conceito miserável do desenvolvimento econômico cego pelo produtivismo, tal como o que é impulsionado pela Gestão Camilo Santana.

Reivindica-se água para as pessoas! Água para a natureza! E, por isso, apoiam-se as iniciativas dos movimentos ambientalistas e de ativistas climáticos que convocam para a construção de atos e mobilizações com esta pauta, como a **Marcha da Água, no dia 18 de janeiro de 2017.**

É TEMPO DE RESISTÊNCIA | DEPUTADO ESTADUAL **RENATO ROSENO** | PSOL



www.renatoroseno.com.br



[/RenatoRoseno50](https://www.facebook.com/RenatoRoseno50)



[@renatoroseno](https://twitter.com/renatoroseno)



www.telegram.me/renatoroseno



[@renatoroseno](https://www.instagram.com/renatoroseno)



contato@renatoroseno.com.br



(85) 99864.5050 // (85) 3277.2792



Av. Desembargador Moreira, 2807 -
Dionísio Torres - Gabinete 314,
Fortaleza-CE

